



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17748 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

**CORPOGRAFIA DAS PROFESSORALIDADES: MODOS DE HABITAR A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

Leandro Henrique do O Ponzi - UNEB - PPGED - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB-Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia.

**CORPOGRAFIA DAS PROFESSORALIDADES: MODOS DE HABITAR A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

**Palavras-chave:** Corpografia; professoralidades; formação de professores; Micropolíticas.

## **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa insere-se na área de educação e diversidade de um Programa de Pós-Graduação baiano, abordando a formação docente em suas micropolíticas tensionando as políticas macro de formação. A questão central que orienta este texto é: Quais as principais contribuições da corpografia para a constituição de uma docência artística que busca (re)conhecer, no corpo-professor, modos e saberes de uma micropolítica docente em constante devir?

O objetivo principal é abordar o corpo como foco na/da formação de professores, cartografando, a partir de uma corpografia, como se constituem as professoralidades nas micropolíticas ativas do cotidiano. A formação docente no âmbito das micropolíticas entrelaça-se com a formação do pesquisador nas artes do corpo, entendendo essa interseção como uma potência que atravessa e dinamiza a pesquisa. A base teórica se apoia nos estudos da filosofia da imanência de Deleuze e Guattari (1995).

Este resumo expandido apresenta a corpografia como método e dispositivo de pesquisa e intervenção, caracterizando-a como uma pesquisa interventiva que acompanha processos em andamento. A pesquisa ancora-se no paradigma pós- crítico, com uma abordagem qualitativa, adotando a cartografia/corpografia como método. Como procedimento metodológico, propõe-se a apresentação de uma corpografia imagética a partir dos dados produzidos na pesquisa, como potência para abordar o corpo como

elemento de análise na constituição da professoralidade docente.

A partir da (auto)cartografia, a narrativa em pistas contribui para o debate sobre a formação docente, destacando o corpo, em suas expressividades plurais, como lugar de saber. Esse enfoque valoriza a multiplicidade de experiências e conhecimentos que emergem do corpo-professor, em consonância com a perspectiva deleuzeana de que o corpo é um campo de forças, sempre em processo de transformação, revelando novas possibilidades de subjetivação e resistência dentro das micropolíticas educativas.

## **2. O que ensaia o professor-ator em sua autcartografia estudantil?**

A pesquisa apresentada está em processo e encontra suas linhas iniciais nas inquietações de um pesquisador-professor de artes na educação básica, artista da cena/teatro. Tece sua pesquisa ensaiando uma corpografia que se forja em uma docência em constante devir. O objetivo é possibilitar novas redes de conexão para escrever e se inscrever num corpo que se diferencia do corpo cartesiano pré-construído, ao qual estamos acostumados. Nesse processo de estar sendo professor, artista e pesquisador, o corpo é tomado como episteme, reafirmando o grito deleuziano que, a partir de sua leitura de Espinoza e das experimentações radiofônicas do artista teatral Antonin Artaud (1947), pergunta: O que pode um corpo?

Desde então, ou mesmo antes disso, essa pergunta tem sido alvo de repressão, talvez pelo triunfo de um certo modo de pensar a transcendência, aliado aos processos capitalísticos, neoliberais, e a certas religiões monoteístas e monoculturais. Ainda assim, é possível perceber os ecos dessa pergunta/grito em pesquisas produzidas no campo das artes na última década. Contudo, ao realizar uma revisão conceitual para esta pesquisa, identificou-se uma lacuna nos estudos que aproximam corpografia e professoralidades, dois conceitos centrais para este estudo. No campo das pesquisas em artes, o que se convencionou chamar de corpo aparece, frequentemente, como uma máquina de guerra.

A partir dele, inúmeros artistas desafiam o status quo, colocando o corpo como lugar de saber no centro da cena e ensinando a transgredir uma série de opressões que, ao longo do tempo, se tornaram normativas e foram naturalizadas. O corpo, a corpa, corpe, o corpo negro, o corpo trans, o corpo indígena, o corpo periférico, são os devires do corpo que, adjetivados em suas múltiplas formas, questionam o movimento que constitui o corpo como episteme e território de saber, e portanto, como espaço de disputa. Afinal, “falar sobre corpos é, antes de mais nada, explorar as maneiras pelas quais eles se movem” nos territórios que habitam, sejam eles existenciais, políticos ou institucionais (Manning, 2023, p.15).

Interessa-nos, portanto, fazer rizoma com o conceito de corpografia, oriundo de variados campos de produção de conhecimento, e inseri-lo no campo da educação. Além

disso, pretendemos experimentar um desvio de certezas conceituais que abordam o corpo de forma simplista e reduzida. Trata-se de um modo de cartografar processos e perceber como o corpo é discutido tanto nas pesquisas recentes em educação quanto na formação docente.

A busca inicia-se a partir de pistas nos acontecimentos que atravessam e transformam o foco do próprio sujeito da pesquisa, onde o ser dá lugar ao devir, sendo substituído pelo campo de produção do desejo. O ator-professor, que ao longo dos anos viveu a experiência de atuar e relacionar seu corpo em palcos de diversos tipos, em salas de aula e em espaços não convencionais de educação, propõe outros modos de produção de conhecimento a partir da experiência de sentir o corpo como constitutivo de saberes.

Assim, artista e professor coabitam a mesma pele, se complementam e entram em diálogos intermináveis, expandindo os papéis que, na formação docente, se tornaram categóricos e estereotipados. Afinal, entende-se que, assim como na complexidade da vida, não nos cabe um único modelo de formação a ser seguido. Dessa forma, ambicionamos dar passagem a papéis sofisticados, com subjetividades, que modificam a complexidade das formas enrijecidas para modos não lineares de habitar a docência. Por se tratar de um corpo vivo, o texto adota uma escrita em primeira pessoa, numa corpografia imagética, a partir da observação de fotografias que saturam a imagem do pesquisador como estudante na educação básica, acionando uma memória projetiva. [...] “Um sujeito é um indivíduo se desfazendo e se refazendo continuamente; formação existencial é cada uma dessas figuras existentes nos momentos de estabilidade relativa” (Pereira, 2016, p.43).

Tecendo a (auto)cartografia, olhamos para os anos iniciais na educação básica, que ocorreram numa cidade do interior do semiárido baiano, nas décadas finais do séc. XX, anos 80/90. Marcado por questões de gênero e vivendo em um território onde, naquela época (e hoje?), o “corpo-gay” dissidente de gênero estava destinado a desaparecer, a escola se apresentava como o primeiro campo de batalha, mas também como um espaço de criação de existência. O corpo de jovem garoto, entrando na puberdade, sabia que, para viver a liberdade sexual e o desejo de ser ator de teatro, teria que sair daquela cidade, traçando assim sua primeira linha de fuga: o nomadismo.

Naquele momento, o Brasil vivia a retomada de um processo democrático ainda muito marcado pelos anos de ditadura, pelo regime militar que, na escola, usava a disciplina para normatizar os corpos. O pensamento racional e tecnicista não dava conta de compreender o mal-estar, mas era possível sentir uma espécie de falta de ar. A imagem do cantor Cazusa, ao contrair o vírus do HIV e afirmar publicamente sua homossexualidade ao mesmo tempo em que seu corpo definhava, causava medo e se atualizava no jovem corpo de criança. O que pode um corpo nessas condições?

Figura 1 – Estudante segura a cruz em encenação no colégio.



Fonte: arquivo pessoal (autor 1)

Naquele momento, não havia interlocutores para suas dúvidas. Como sabemos, o pensamento ocidental, influenciado e organizado a partir de filosofias euro-cristãs, marca profundamente os modos de organização do pensamento. No caso do Brasil, adquire outras dimensões pelo longo processo de escravização do continente africano e dos povos indígenas. Esse processo, amplamente discutido nos tempos atuais, caracteriza-se sobretudo, pela separação entre mente e corpo, mente e espírito, produzindo um sujeito destituído do “saber do corpo vivo, o saber de nossa condição de vivente”.

Para Suely Rolnik (2018, p. 33), fica evidente que [ ...] “não basta agir na esfera macropolítica, onde tradicionalmente atuam as esquerdas; é preciso buscar respostas nas micropolíticas do desejo.” A compreensão do corpo, aqui, inspira-se naquela esfera que, como Félix Guattari nos anos 60 denominou, é a micropolítica: “Micropolítica [...] refere-se àqueles âmbitos que, por serem considerados relativos à ‘vida privada’ no modo de subjetivação dominante, ficaram excluídos da ação reflexiva e militante nas políticas da esquerda tradicional: as sexualidades, a família, os afetos, o cuidado, o corpo, o íntimo” (Preciado, 2018, p. 19).

As desconfianças deste artista-professor-pesquisador se atualizam anos mais tarde, ao retornar à mesma cidade da infância, território de sua formação no ensino básico e dar início ao processo de pesquisa-formação num programa de Mestrado. Desse modo, ao adentrar a pesquisa e olhar as marcas do processo [auto]cartográfico, é ter a pesquisa em contato com o seu sensível, modificando sua própria estrutura, provocando inflexões no/na pesquisador/a, fazendo zigzaguear a escrita e o processo de pesquisa, como acreditamos que deve ser: autoformativo e rasurante pelos afetamentos que provocam e fazem proliferar.

Identificamos, então, em autoras como bell hooks (2001, p.115), a indagação sobre

como certos “indivíduos entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo”. A autora retoma a questão na perspectiva de se pensar na dimensão social, falando de si como quem fala do mundo. A pesquisa-formação em Educação e Diversidade é atravessada pelo seu processo de formação, primeiro no teatro como ator e educador, e posteriormente em sua formação acadêmica em fotografia, linguagens que, colocadas em diálogo, ampliam seu território de conhecimento e hibridizam sua forma de pensar os atravessamentos do seu corpo-professor na constituição de suas professoralidades.

Figura 2 – Estudante dubra cantora baiana no pátio do colégio.



Fonte: Arquivo pessoal (autor 1)

O corpo-professor é também um corpo-artista-pesquisador. Nas palavras de Corazza (2006), “como criar uma artistagem docente? Sabe que engendrar, encontrar e seguir alguma resposta de tristeza ou de alegria, de juventude ou de velhice, de ânimo ou de cansaço, de vida ou de morte, é o que configura a covardia ou a coragem de cada docente artístador.” Produz corpografia, atravessado por um território existencial que faz brotar a diferença que, como um duplo, se apresenta como dispositivo de pesquisa e, ao mesmo tempo, como in(ter)venção. É como se fosse a cenografia que introduz os/as participantes no plano de imanência a ser pesquisado. No teatro, antes de entrar em cena, ocorrem os ensaios; do mesmo modo, o/a professor/a pensa antes de entrar em sala de aula, prepara-se para sua atuação. Convido o/a leitor/a a navegar pelas águas da memória de um corpo nômade, que se aventura por caminhos desconhecidos para reinventar o seu próprio trajeto, ensaiar suas marcas e seus acontecimentos constitutivos das professoralidades.

### 3. Emergências encenadas na/pela corpografia

Esta pesquisa se justifica pelo experimento de criar inspirada na cartografia o método e dispositivo Corpografia, para compreender como a grafia do corpo, a escrita do corpo (re)vela aspectos de uma formação docente em devires para perceber como o corpo

escreve e se inscreve como corpo professor, tomando a dimensão micropolítica das relações.

Voltamos a informar ao/a leitor/a que não estamos querendo afirmar com isso que uma aula é como uma peça de teatro, que deva se constituir igual na repetição. Entendemos uma aula menos em presença e mais em passagem a partir desse lugar de onde se vê. Compreendemos a aula como o que Deleuze (1995), chama de matéria em movimento, para o autor, a aula é uma espécie de matéria musical, ou seja, compreende a sala de aula como território de passagem, local de fluxos, à medida que o dito pelo professor vai afetando aquele que ouve e enxerga o corpo quem fala, movência de afetos. Desse modo, se produz ressonância entre os corpos de acordo com as ocorrências dos afetamentos próprios de cada singularidade. O que é mesmo uma aula? O que ela pode?

Para mim, uma aula não tem como objetivo ser entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical. Numa aula, cada grupo ou cada estudante, pega o que lhe convém, uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. As pessoas têm que esperar. Obviamente tem alguém adormecido. Por que ele acorda misteriosamente no momento que lhe diz respeito? Não há uma lei que diga o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é uma outra coisa. Uma aula é uma emoção. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente. É por isso que um público variado é muito importante. Sentimos o deslocamento dos centros de interesse, que pulam de um para outro. Isso forma uma espécie de tecido esplêndido, uma espécie de textura. (Deleuze, 1995, p. 55).

#### **4. Cenas em devires**

Ao refletir sobre a experiência artística e o processo de formação do artista-pesquisador, buscamos aproximar a corpografia, que é constituída pela cartografia artística no/pelo corpo em seus processos de professoralidades. A corpografia, nesse sentido, não é apenas um mapeamento das experiências vividas, mas um processo contínuo de transformação, onde o corpo se torna um território de saberes e resistências.

A narrativa da corpografia imagética do docente ganha vida ao considerarmos sua trajetória na educação básica, tanto como estudante quanto como docente-artista. Essa trajetória revela como o corpo, em sua pluralidade de experiências, se torna um locus de saber-poder, onde se manifestam movimentos de rasura e resistência que vão forjando professoralidades e suas singularidades.

Nesse contexto, é fundamental destacar a formação docente como um processo atravessado por afetos diversos, alegres e tristes, dentro de uma escola que, muitas vezes, nega a presença do corpo. Essa negação não é apenas simbólica, mas também material, pois invisibiliza e marginaliza corpos que fogem ao padrão hegemônico: corpos negros, gays, gordos, velhos, deficientes.

A partir da filosofia da imanência, como discutida por Deleuze e Guattari, e do conceito de micropolítica, é possível entender como essas invisibilizações são formas de poder que operam no cotidiano escolar. No entanto, o corpo-docente, em sua multiplicidade, resiste e cria novas formas de existir e ensinar. A corpografia, então, torna-se um dispositivo não apenas de análise, mas de intervenção, permitindo ao docente-artista mapear e subverter as normas que tentam aprisionar o corpo em moldes pré-estabelecidos.

Esse processo de formação é também um ato de criação contínua, onde o docente-artista se reinventa e expande suas possibilidades de ser e agir no mundo. A educação, assim, passa a ser vista não como transmissão de conhecimento, mas como um espaço de luta e de resistência, onde o corpo ocupa o centro da cena e se afirma como território de saber e de poder.

A reflexão sobre a corpografia e suas implicações na formação docente é, portanto, uma tentativa de reconectar o corpo com a experiência pedagógica, de modo que essa conexão não seja apenas teórica, mas se manifeste de maneira prática e transformadora na sala de aula. Ao olhar para o corpo como um campo de batalha e de criação, abrimos novas possibilidades para pensar e praticar a educação de maneira mais inclusiva e plural, produzindo novas e diversas formas de ser e estar no mundo.

## **CENAS FINAIS**

A pesquisa aponta para a necessidade de repensar as políticas de formação docente para valorizar as múltiplas expressões do corpo em toda sua diversidade.

Os resultados indicam que práticas corpográficas podem contribuir para uma educação crítica e transformadora. Valorizar o corpo como espaço de conhecimento possibilita reconfigurar relações pedagógicas e criar experiências formativas contra-hegemônicas. Por fim, esta escrita ensaística oferece contribuições significativas para a educação, especialmente na formação de docentes como artistas-pesquisadores.

A corpografia, como prática e teoria, é uma ferramenta poderosa para transformar o cotidiano escolar, permitindo que o corpo seja vivido como um território de saber e poder. Esperamos que este trabalho inspire novas pesquisas e práticas educativas que valorizem a corporeidade como fundante das artistagens de uma educação pela/na diferença.

## **REFERÊNCIAS**

ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o julgamento de deus**. Disponível em:

. Acesso em: 10 Jun. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens: Filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: **Capitalismo e Esquizofrenia**, Vol.1.

Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

LOURO, Garcia Lopes. (org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2. ed. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

MANNING, Erin. **Políticas do toque: Sentidos, movimento e soberania**. Tradução: Bianca Scliar Cabral. 1. ed. São Paulo: GLAC Edições, 2023.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade: Um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

PRECIADO, Paul. **A esquerda sob a pele**. In: ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1, 2018. p. 11-22.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. n-1 Edições, São Paulo, 2018.